

# AS DROGAS E A REVOLUÇÃO SOCIAL DO LAZER<sup>1</sup>

*Joffre Dumazedier*

Foi na década de 70 que, na França, os jornais descobriram a penetração da droga entre a população francesa e em particular, entre os jovens. Creio também que é nessa época que os mesmos problemas ou problemas afins apareceram na imprensa brasileira. Isso não significa que o uso das drogas para fins não terapêuticos não existisse antes; mas, de repente, o problema assumiu novas dimensões. Essas atividades eram motivo de preocupação. A maior parte do noticiário era mais ou menos dramático. Falava de acidentes, acidentes mortais, suicídios. Até hoje, reveste-se de mistério esse fenômeno cujo significado e dimensões são mal conhecidos. É como um fenômeno das trevas do qual todos falam e que ninguém conhece. Isto gera uma situação mal sã. É por essa razão que, nos anos de 1971 e 1972, com dois sociólogos, um americano da Universidade da Flórida do Sul e outro canadense francês da Universidade de Montreal, perguntaram o que era verdadeiro e o que era falso naquilo tudo quanto se dizia. Defrontávamo-nos com muitos problemas e poucas soluções. Encontrávamos muitos fatos pequenos, inquietantes, mas a partir dos mesmos, estávamos na impossibilidade de fazer uma generalização que não fosse arbitrária. Finalmente, perguntam-nos o que nos permitia afirmar a pesquisa científica habituada a equacionar problemas sociais, a tratá-los sobre amostras representativas com uma interpretação não rigorosa, pelo menos prudente. Durante seis meses coletamos a quase totalidade das pesquisas à base de observação sistemática que haviam sido feitas sobre essa realidade social. Reunimos documentos cujo número se elevou a dois mil: livros, mas, sobretudo, artigos em revistas científicas, relatórios de autoridades políticas religiosas e educacionais. Depois de minucioso estudo, selecionamos apenas vinte desses documentos que nos pareciam ter uma problemática realmente tratada, que não pareciam fugir do mero discurso. Não sei se nesta platéia encontram-se médicos; se houver, peço que me desculpem. Não conservamos quase nenhum documento de autoria de médicos. A maioria dos documentos sobre o fenômeno, relatado por médicos, carece de base científica. Entretanto, é a eles que dão crédito os homens políticos, educadores e pais. Isso não quer dizer que não haja médicos capazes de tratar os viciados em drogas pesadas. Não me refiro ao tratamento, falo simplesmente do conhecimento sociológico do fenômeno, das suas dimensões, do seu significado. Para tratar tal problema,

<sup>1</sup> Este texto, de publicação inédita no Brasil, consiste na tradução da Conferência pronunciada por Joffre Dumazedier em Brasília, em 29 de agosto de 1973, sob o patrocínio do INEP - Ministério da Educação e Cultura e da Embaixada da França no Brasil. Tradução: Clarine Pawmetrinice F. Ferreira da Silva. Agradecemos ao prof. Luiz Octávio de Lima Camargo, que obteve autorização junto à esposa de Joffre Dumazedier, para a publicação deste texto na Revista Licere.

um médico não é mais qualificado do que um engenheiro, um operário ou um comerciário. Quais são os resultados de nosso trabalho sociológico? Dividem-se em três partes.

Vou expor esses resultados objetivando uma informação rápida, mas rigorosamente exata, destinada às pessoas que queiram utilizar ou comunicar esses resultados a seus filhos, alunos, pais ou outros.

A primeira parte será uma apresentação das drogas para fins não terapêuticos dividindo-as em três categorias, de acordo com o seu grau de periculosidade, baseando-se em amostras às quais pode-se dar crédito. Uma segunda parte, com uma série de fatos, será menos rigorosa. Refere-se ao significado desse fenômeno que apareceu nos Estados Unidos nos anos de 1963-64. Na Europa, apareceu por volta de 1970 e a seguir, difundiu-se nos outros países do mundo, como o Brasil. Qual o significado do fenômeno? Na terceira parte, darei algumas sugestões. Minhas propostas serão, de outra ordem do que nos itens anteriores. Não será o sociólogo falando, será simplesmente o cidadão, o pai. Farei certo número de sugestões que podem ser recusadas para serem substituídas por outras, desejando que essas tenham fundamentos os mais científicos possíveis.

Primeiro, separemos nessa questão os fatos dos mitos. Há muitos mitos, horríveis ou fascinantes, gerados pela situação mal sã em que está sendo tratada a posição da droga na maioria das sociedades. Mito horrendo: no filme "Joe", vê-se um engenheiro e um operário cujos filhos fugiram de casa com colegas. Durante essa fuga, viveram uma aventura à base de uso de drogas e amor livre, etc. O filme termina com uma cena horrível em que o pai engenheiro mata o filho e seus companheiros, numa espécie de delírio. Há outros filmes do mesmo gênero. Há casos policiais semelhantes, citados nos jornais. Em 1970, cheguei na Flórida dois dias antes de um crime bárbaro: um jovem estudante entrou num bar acompanhado por colegas. Estava de posse de pequena quantidade de maconha. Um policial entrou, olhou para o estudante e desconfiado, revistou-lhe os bolsos encontrando algumas gramas de maconha. Assustou o rapaz que saiu, muito calmo, sem correr nem procurar fugir. O policial saiu atrás e, a cinco metros, baleou-o duas vezes pelas costas. É um caso limite de policial nervoso, que perdeu o controle emocional. É um caso extremo de que todos falam e isso envenena a questão. Não é falso, mas que lugar ocupa no conjunto da questão?

Há outro mito, o do fascínio. Talvez tenham visto outros filmes em que as drogas são associadas a cultos neo-indús, em que as mulheres profundamente viciadas, arrastam os homens para sua própria perda. É a nova representação da vamp, da mulher fatal, seduzindo homens e mulheres, arrastando-os para as drogas. Saindo desses mitos, proponho agora que classifiquemos as drogas com fins não terapêuticos em várias categorias a fim de entender a complexidade da realidade.

Primeira categoria: marijuana, maconha como é chamada no Brasil, e solventes, como tricloreto e etileno, o éter e os simples líquidos tira-manchas que se compram em qualquer supermercado. Começarei pelos solventes que se encontram na cola:

são utilizados por crianças com menos de 12 anos. Esses solventes de cola estão para essas assim como a maconha está para os adolescentes. Compram uma bisnaga de cola, esquentam-na, cheiram-na como cheirariam éter; isso provoca uma euforia que dura de cinco minutos até uma hora. Infelizmente, foram observados acidentes: casos de crianças menos geniosas do que outras que, uma vez chegada a euforia, caíam com o nariz no saco de cola e de solvente. Essas crianças tiveram que ser transportadas para o pronto socorro.

A maconha constitui, de acordo com todas as estatísticas, a droga utilizada por mais de 3/4 dos viciados, isto é, em cada cem viciados, no Brasil, nos Estados Unidos ou na França, a possibilidade é encontrar 75 que dão preferência à maconha. Como sabe, existem duas variedades: a folha e a raiz que é o haxixe, o "H" (axe) como é chamado entre os viciados na França. De acordo com os indivíduos, seu efeito dura de 15 minutos até 3 horas. A maconha é usada à noite, depois do jantar. Será que cria a dependência? Essa é a questão primordial. Não é honesto pretender que maconha favoreça a dependência; fato algum nos permite declarar que quando se começa a "puxar" maconha, depois será necessário aumentar a dose até passar a drogas mais fortes como a mescalina ou o LSD e finalmente aos entorpecentes. Esse encadeamento existe apenas na imaginação popular: nunca foi comprovado. Entretanto, o fato de fumar regularmente maconha, põe o jovem em contato com os circuitos em que se vende maconha e, por esse meio, ele pode ter contatos sociais, com traficantes de drogas mais pesadas. Não é a maconha em si que pode ser acusada, não existe o fenômeno de dependência. O perigo reside no fato do indivíduo se introduzir sem discernimento no circuito de distribuição de drogas e tornar-se presa dos traficantes que tenham visto nele um possível cliente.

Constituem a segunda categoria de drogas, os chamados tranqüilizantes e os alucígenos. Os consumidores de tranqüilizantes tomados em alta dose e de alucígenos representam mais ou menos 15% da totalidade dos viciados nos Estados Unidos. Dos alucígenos o mais conhecido é o LSD. Quanto aos tranqüilizantes, os mais conhecidos são todas as variedades de anfetaminas. O abuso de tranqüilizantes tanto quanto de alucígenos pode levar a um comportamento suicida. Em Montreal, por exemplo, em 1965, constatava-se 60 suicídios diretamente ligados ao consumo de drogas; e especialmente ao consumo de anfetaminas; nesse meio duplicou em dois anos o número de suicídios. Não dizemos que é a causa direta, mas para essa minoria que abusa das anfetaminas existe uma relação que pode ser motivo de preocupação. Em referência ao LSD, devemos dizer que não é uma invenção americana, mas, uma invenção suíça, para fins terapêuticos. Alguns sugerem a proibição do LSD; é uma posição simplista. Pois o LSD presta, e continuara a prestar, bons serviços no tratamento das psicoses, nos casos em que as vias ordinárias da psiquiatria não obtiverem resultados. O LSD tem o inconveniente maior porque pode criar a dependência e a ilusão no utilizador de que ele se tornou leve e pode voar. Parece engraçado quando se conta numa sala como esta; mas, conheci de muito perto um acidente. Um dos meus estudantes estava com outra

pessoa num décimo andar, sob efeito do LSD, essa pulou pela janela, pois acreditava que fosse pássaro. O LSD exerce profundo efeito sobre o psiquismo.

Finalmente, a terceira categoria é a dos entorpecentes: cocaína, ópio e, sobretudo, heroína. A maioria das estórias dramáticas que a opinião pública conserva é associada à heroína, aos escândalos do tráfico da heroína, aos acidentes que provoca. Estima-se que, no ano passado, a heroína era praticada mais ou menos regularmente por cerca de 1% dos estudantes americanos.

Peço desculpas por essa exposição muito simplificada sobre os perigos que fazem correr as drogas para fins não-terapêuticos. Devíamos fazê-la para separar muito claramente a primeira da segunda e terceira categorias. Fala-se em barcos de recreio, poderia-se chamar de drogas de recreio para as de primeira categoria. Podem ser utilizadas para passar momentos agradáveis da mesma maneira que para outros, momentos agradáveis se passam em torno de uma mesa com copos de whisky. A mais importante dessas drogas de recreio é a maconha. Não confundí-la com as outras drogas das duas outras categorias: as drogas patogênicas que correspondem a uma doença da sociedade e do grupo ou a uma doença pessoal. Levam a comportamentos que podem causar doenças graves, inclusive à morte.

Agora, pergunto-me qual o significado social da introdução do uso da droga no lazer de parte da população.

Primeira pergunta: será o resultado da influência norte-americana? Sei que há muitas propostas nos jornais afirmando que o uso das drogas é um fenômeno especificamente americano. De acordo com os nossos conhecimentos científicos, não me parece possível sustentar semelhante tese apesar das aparências. Eis alguns motivos: é verdade que, historicamente, foi na sociedade urbana dos Estados Unidos, especialmente em certos meios estudantis, que esse uso tomou grande extensão. Em 1964, o inquérito Gallup revelava que apenas 5% dos universitários de mais de 15 anos eram consumidores de drogas. Em cinco anos, a taxa subiu para 40%. Haverá a mesma progressão para o consumo de drogas qualquer que sejam as medidas de repressão, proibição que possam ser tomadas ou essa evolução não é falta? É também importante que se pergunte se esse fenômeno tem características de cidade americana e se essas características podem ocorrer em outras cidades. Historicamente, a maconha não é invenção dos americanos. A maconha, vocês devem sabê-lo, foi levada aos estados Unidos pelos trabalhadores imigrados provenientes do México; foram esses "chicos" os primeiros consumidores de maconha, sobretudo nos meios operários. Depois, pelo contato com operários negros e os meios de jazz africanos, a maconha se espalhou e atingiu o meio estudantil. Foi esse o caminho que percorreu.

Em 1950, contavam-se cerca de 20 milhões de americanos consumidores de drogas. Como, na mesma época, um relatório da UNESCO estimava em mais de 200 milhões o número de consumidores de drogas no mundo, os Estados Unidos por conseguinte representavam apenas 10% dos consumidores. É, pois, abusivo atribuir esse fenômeno à sociedade americana propriamente dita.

A sociedade francófona de Montreal, nos anos de 1965, tinha mesma percentagem de consumidores de maconha que Nova Iorque: cerca de 40% nos colégios e universidades.

Historicamente pode-se dizer que a maconha é um fenómeno asiático e latino-americano, especialmente, México, Guatemala, Bolívia, Nicarágua, Equador. Se não cito o Brasil é por desconhecer o problema aqui.

Por conseguinte, a origem desse consumo será um traço da cultura dos jovens? É um atributo daquilo que se chama revolta dos jovens, especialmente na classe média?

É muito difícil de responder a essa pergunta. Porque? Porque é sempre pelos jovens que chega uma prática nova. Mas é um traço novo de civilização ou uma característica de idade? No momento, não se pode distinguir onde está a verdade. É preciso tempo. Entretanto, conhecemos uma evolução do fenómeno de 1964 a 1975; temos 11 anos de experiências mais recentes, francesas, alemãs, holandesas, etc. Não nos permitem afirmar que seja um fenómeno especificamente jovem, mas pode-se dizer que o uso das drogas tende a passar da mocidade para os adultos. Não se pode dizer que é um fenómeno especificamente jovem; mas que foi pela mocidade que a prática chegou. Em todo caso, os adultos de mais de 35 anos nos Estados Unidos, desde os anos de 1967, constituem a maioria dos consumidores de drogas pesadas. Na hora atual, os últimos inquéritos indicam que o consumo das drogas pertencentes à segunda e terceira categorias diminui na mocidade e aumenta nos adultos.

Há também outra hipótese. Será que estamos realmente marchando pelo uso das drogas para uma nova civilização, ou uma contra-cultura que comportaria a volta a traços das culturas tradicionais, que conheceriam o uso das drogas. Alguns sustentam essa tese que é defendida por ensaístas americanos, como Theodore Roszak ("A Contra-Cultura") ou por pensadores sociais, como Edgar Morin, na França. Pessoalmente, essa não é minha tese. Essa contra-cultura não me parece portadora de nova civilização: não resolveu o problema do trabalho da sociedade do qual foge por um neo-artesanato rural; não pretende equacionar os problemas de nova orientação da política. Tampouco resolveu o problema da educação das crianças. Abordou a conjugalidade apenas mediante algumas experiências marginais por comunidades que até o presente momento tiveram uma extensão e uma duração limitada. Mas, em compensação, o que me parece plausível, é que o uso das drogas é introduzido numa mudança de valores associado ao lazer, isto é, um tempo que está fora do trabalho, da atividade política e dos compromissos familiares. Esse tempo que pode ser chamado de tempo livre. Pela própria lógica das sociedades industriais, mesmo nas sociedades em vias de desenvolvimento: maior duração das férias, dos fins de semana, o problema da aposentadoria. Há uma produção de tempo livre e ao mesmo tempo produção de riqueza. Com essa produção de tempo livre, aparecem as atividades e os novos valores do lazer: nova maneira de viver, novos modos de expressão do corpo, o direito ao sonho. Essa é a minha hipótese. E não se pode entender o uso dessa drogas de recreio – deixando de lado os 15% de drogas patogênicas –, não se pode entender esse fenómeno se não se souber que está sempre associado às noites

de dança, de “festinhas”, aos fins de semana, às férias como no filme “Easy Rider” que alguns dos senhores talvez viam. É um itinerário de férias de estudantes pela Califórnia e México. Corresponde ao filme, feito há trinta anos, por René Clair “A nous, la liberté!” onde havia também jovens perambulando nas estradas. Mas, há 30 anos, a viagem externa não se desenrolava paralelamente à viagem interior com o uso de drogas. Temos o espetáculo de dupla viagem, externa e interna, no filme dinamarquês “More” que trata de drogas, das drogas pesadas, numa ilha de veraneio.

Não poderemos entender essas drogas de recreio se não as considerarmos um aspecto da revolução cultural do lazer. Essa revolução cultural, estética e ética é uma réplica à revolução científica e técnica que organiza cada vez mais o trabalho, e a vida de sociedades em via de desenvolvimento industrial e pós-industrial. Tal é a minha hipótese.

Para entender esse fenômeno, há outras explicações, em particular duas que devem se discutir perante este auditório, pois devem estar na mente de todos os presentes.

Primeiro: são os viciados doentes? Com efeito, são levados ao médico que não sabendo o que fazer com eles, os encaminha para o psiquiatra. Infelizmente, foram fracassos a maioria dos exemplos de intervenção de psiquiatria que temos tanto em Montreal, como em Paris ou em Nova Iorque. A psiquiatria nada tem para oferecer nesse tipo de “doença”. A única solução que tem obtido êxito para aqueles que abusam dessas drogas de recreio é aquilo a que se dá o nome de “clínicas”, na França, no Canadá e nos estados Unidos onde jovens que detestam drogas cuidam de seus colegas, de seus amigos. Não é sério, pois atribuir a droga em geral a um néo-doença, a uma crise de mocidade, a uma patologia social. É certo que para uma minoria, a inadaptação social se traduz por um uso desesperado da droga, como também por uso desesperado de outra coisa. Isso não é a chave que vai explicar todo o fenômeno. Há um número majoritário de casos que permanecem foram dessa explicação.

Segunda explicação: “A sociedade é nojenta, a política também, estou cheio..., por isso tomo drogas”. Há, a esse respeito, um vasto inquérito. Se realmente essa ligação fosse evidente, deveria ser encontrada uma relação estatística significativa entre os diferentes tipos de vidrados e sua atitude face à política. Dever-se-ia encontrar que, quanto mais uma pessoa fica insatisfeita com a política mais toma droga. Ora, essa relação não existe. Num amostra de 2.000 pessoas, encontramos umas que puxavam fumo e entretanto, estavam completamente satisfeitas com a política americana enquanto outras estavam em total oposição à mesma. Talvez seja uma explicação válida, em certos estados de crise, em certos meios muito politizados, radicalizados. Mas não é válido querer explicar tudo com isso. Cada vez que se realizaram pesquisas (e conheço duas) os resultados sempre provaram o contrário.

Agora, vejamos o terceiro ponto desta palestra: Que fazer? Aqui não é mais o sociólogo que fala desses fenômenos. Sou um cidadão. Tenho amigos e filhos crescidos. Estamos frente a perguntas, a problemas. Não basta entender, deve-se também procurar resolvê-los.

Primeiro, o que não se deve fazer: querer dar uma lição aos jovens. Os pais, na maioria das vezes, sabem menos do que seus filhos a esse respeito. Tornam-se ridículos quando querem pregar. Essa pregação é nociva. É preciso que os pais se informem. Quando forem bem informados, aí devem informar aos seus filhos caso esses sejam menos informados do que eles. Mas, sobretudo, nada de lição de moral, nada da de conselhos, é inútil.

No nível político, uma ação mais enérgica contra os traficantes de drogas pesadas se imporia. Os estudos mostram, especialmente na França, quanto eram poderosas e protegidas as redes de traficantes de drogas patogênicas. Entre o “meio” de Marselham Katmandu, Nova Iorque, há um entendimento profundo e parte de própria polícia está comprometida. Pode-se então chegar à conclusão de que, em lugar algum, a repressão das drogas patogênicas é suficiente. Sei que há os problemas humanos, a pena de morte, mas pode-se também fazer uma pergunta sobre o tipo de penas a serem aplicadas aos que vendem, comercializam heroína, por que eles são muito eficientes. De 1920 a 1965, a polícia apreendeu em média, um quilo de heroína por ano; de 1965 a 1971, a média anual subiu para 600 quilos. Notem a progressão.

Terceira indagação: deverá a maconha ter venda livre? Ou pelo contrário, será mais vantajoso conservá-la na clandestinidade? Nenhum governo conseguiu reprimir o consumo da maconha. O conseguirá o Brasil? Antes de fixar política, os governos devem ser bem informados a respeito do que está fazendo a pesquisa científica independente. Por um lado, diante do fracasso da repressão contra essas drogas de recreio e por outro lado, diante da ignorância dos fundamentos sócio-culturais que ultrapassam a juventude. Diante desses fatos, desejaria que fosse discutida a pergunta: vamos colocar a maconha em venda livre com fiscalização ou deixá-la na clandestinidade e, de fato, sem fiscalização? Com o poder dos traficantes de drogas, a má qualidade dessa mercadoria, a ignorância, o esnobismo, o prestígio do fruto proibido, obtêm-se provavelmente o contrário dos resultados que se queria obter ao proibir a maconha. Pessoalmente, não tenho solução. Mas, nenhuma sociedade na época atual pode evitar formular essa pergunta, equacionar esse problema como um grande problema político a ser tratado não somente sobre princípios, mas com hipóteses, sobre resultados a serem observados.

Que fazer para a formação? Porque, na realidade encontramos-nos diante de um fenômeno social, sócio-cultural, e a escola, a universidade quase nunca o mencionam a não ser para proibir, reprimir, para mostrar o “mal”. Mas, de modo geral, não se dá formação para o prazer, para fazer entender os problemas do lazer, para analisar as atividades que podem ocupar o lazer, não se dá formação alguma sobre as drogas de recreio, os prazeres que podem trazer seu uso moderado para alguns e os perigos exatos que acarreta seu uso imoderado. Quando se fala, não se diz a verdade, mente-se, nossa ciência está falsificada. E os jovens não são enganados. Uma educação ignorante ou hipócrita, de nada adianta. Por isso, pergunto-me se não seria melhor partir de certa idade, introduzir na educação escolar informação sobre

as drogas com as nuances que traduzam a complexidade da realidade, como foi feito na França ou na Suécia para a educação sexual... Assim, como se faz um apelo à responsabilidade dos jovens diante do esporte, do amor, da maneira como ocupar seus lazeres. Fazer o mesmo para o uso das drogas. Mas não considerar a priori os jovens consumidores de drogas leves como malfeitores a serem reprimidos. Dever-se-ia dar todas as informações sobre as drogas, sua origem seu significado para o trabalho, para o estudo, a própria pessoa. Esses estudos parecem-me absolutamente necessários, sob forma de círculos de estudos sérios entre colegiais, universitários, professores, para sair duma incultura carregada de mistérios e perigos.

Quero terminar com algumas observações destinadas aos pais, aos jovens, aos consumidores dessas drogas de recreio, às autoridades políticas de qualquer país. Um sociólogo não pode deixar de lado essa questão: qual é a realidade social?

Ele não pode responder à pergunta: que se deve fazer? Ou então, não estão sendo honestos. E já que a realidade é essa, que é possível fazer? Ou então, ele não é honesto. Uma ação não é somente a consequência de um fato, é a resultante entre os fatos e valores utilizados (valores religiosos, éticos, políticos e outros). Não é como sociólogo que vou falar, é simplesmente como ser humano, que se interessou por esse problema e está melhor informado do que a maioria.

Aos pais direi, sobretudo, que procurem se educar, eles próprios, sorganizando discussões, provando maconha – não é pecado mortal. Entenderão então porque alguns adoram fumar: para eles, as cosias se tornam mais bonitas, as relações de amizade ou amor se aguçam, o som da música os penetra mais profundamente. Devem, pois, informar-se, discutir, fazer uma co-educação familiar, não uma educação em sentido único que estará destinada ao fracasso. Evita também o deixar fazer, o deixar o barco correr. É uma atitude de demissão por parte dos pais que também não traz resultados.

É preciso desmistificar esse ato. Fumar “H” não é algo extraordinário, não é uma coisa que convenha a todos, é uma forma de lazer, como outra qualquer, que agrada ou não. Pessoalmente, não gosto de fumar maconha nem gosto tão pouco de fumar. Fumar me faz tossir. Antes me provoca um estado de mal estar do que euforia. Coloco minha alegria de viver muito mais nas atividades físicas intensas do que nas sensações artificiais. É preciso que seja desmistificado o uso das drogas de lazer, considerando-as como divertimento qualquer.

Quero terminar com algumas palavras dirigidas às autoridades políticas. Já tomei a placar em Paris, Bruxelas, em reuniões semelhantes. Penso que há problemas particulares a cada país. Todas as autoridades políticas se encontram diante das mesmas alternativas quando devem tomar decisões relativas às drogas. Como temem esse fenômeno são levadas freqüentemente a uma repressão pura e simples, sem que sejam examinados ou controlados, realmente, os resultados. Compreende-se o meio cego diante da descoberta de novo passatempo agradável. Cada época inventa os seus passatempos. Quando na Europa, há mais de três séculos chegou o fumo conhecido então como era de Nicot, nome do navegador que a trouxera,



foi logo chamado de “erva do diabo”. Os fumantes inveterados não somente foram condenados, mas rejeitados numa reprovação absoluta pela Igreja. O Papa Urbano VIII, talvez excessivamente seguro de sua infalibilidade nesse campo, excomungou todos os fumantes – grandes e pequenos. Desde aquele tempo, as lições da história mais ainda do que a luz divina, infundiram nas autoridades religiosas certa sabedoria. Não se trata de excomungar aqueles que tomam drogas nem mesmo se excomunga quem quer que seja. Agora são as autoridades políticas que freqüentemente são levadas a tomar atitudes extremas de censura e repressão. Desejo vivamente que cheguem a um controle cada vez maior para saber a que necessidades correspondem às drogas e os resultados que decorram de suas decisões. E se tomarem decisões com mais nuances, melhor adaptadas aos valores culturais dos lares das sociedades urbanas contemporâneas e aos perigos reais e não místicos das drogas, espero que não haverá de conhecer fracassos. Em todo caso, um aumento do conhecimento sociológico desses fenômenos é sempre útil ao pensamento político qualquer que seja. É por falta desse conhecimento que a política – ou por ignorância, ou má vontade – tornou-se um aprendiz de feiticeiro. Todo sociólogo que se comporte honestamente é incapaz de substituir os políticos mesmo quando acredita ser isso possível, pois qualquer decisão política supõe uma visão global da situação dos valores. O sociólogo não está qualificado para propor valores: é um cidadão como outro qualquer. O que ele pode fazer é poder sempre comunicar honestamente os resultados da sua ciência, qualquer que seja a relatividade das ciências da observação em matéria humana, em matéria social.

Como serão utilizados esses resultados? Cabe a cada cidadão resolvê-los e não especialmente, aos sociólogos. O sociólogo, a meu ver, é como o galo daquele provérbio russo que diz: “Quer o dia se levante ou não, na alvorada, é preciso que o galo cante”.

Desejo que os sociólogos sempre tenham o direito de cantar a realidade social que observarem.

Agradeço às autoridades que me permitiram vir a Brasília comunicar-lhes a minha canção.